

BOLÍVAR LAMOUNIER

Liberais e antiliberais

A luta ideológica do nosso tempo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Bolívar Lamounier

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Gustavo Soares

Preparação

Andressa Bezerra Corrêa

Índice onomástico

Luciano Marchiori

Revisão

Valquíria Della Pozza

Isabel Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Lamounier, Bolívar

Liberais e antiliberais : a luta ideológica do nosso tempo / Bolívar Lamounier. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Bibliografia

ISBN 978-85-359-2833-4

1. Brasil – Política e governo – História 2. Ideologia – História 3. Intelectuais e política 1. Título.

16-07976

CDD-320.98106

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Política e governo 320.98106

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

| | |
|---|-----|
| <i>Agradecimentos</i> | 9 |
| <i>Apresentação</i> | 11 |
| | |
| Introdução | 15 |
| 1. <i>Homo politicus</i> (ídolos da tribo) | 27 |
| 2. Ideologia e realidade (ídolos da caverna) | 48 |
| 3. Identificação, recriação e purificação (ídolos do teatro) | 64 |
| 4. Conceito de democracia (ídolos do mercado) | 83 |
| | |
| <i>Bibliografia comentada</i> | 117 |
| <i>Bibliografia geral</i> | 131 |
| <i>Índice onomástico</i> | 141 |

Apresentação

Meu objetivo neste livro é pôr em relevo os fundamentos do conhecimento político in actu, entendendo por tal não apenas a ciência política acadêmica, mas primeiro e sobretudo os elementos cognitivos das três grandes ideologias do século xx — liberalismo, de um lado, marxismo e fascismo, do outro.¹ Pressuponho que, mesmo nos países mais adiantados, os agentes políticos e os segmentos mais politizados da sociedade frequentemente *font de la prose sans le savoir*, pois é através de uma combinação das grandes ideologias com o conhecimento academicamente elaborado que eles apreendem o entorno no qual se movem e sobre o qual atuam.

A ideia de atualidade no subtítulo do livro tem duplo sentido: contemporâneo e in actu, o oposto de potencial, indicando tratar-se de conceitos e imagens a que um grande número de in-

1. Em que pese seu importante progresso na segunda metade do século xx, a ciência política acadêmica responde por uma fração apenas do conhecimento in actu e não poderia ser de outra forma, já que se trata de um instrumental pouco acessível à maioria dos cidadãos.

divíduos de fato recorre para se orientar dentro do (ou em relação ao) sistema político. Muitas obras examinam as bases teóricas de determinada área a partir de um princípio fundamental, ou de um autor — ou conjunto de autores — considerado seminal. Eu me esforçarei por fazê-lo de forma incidental, avaliando criticamente o conhecimento produzido em quatro áreas temáticas por meio de certas abordagens características.

O que denomino cerne cognitivo de uma ideologia pode ser entendido como um conjunto de sensores — *templates*, “programas” ou modelos de análise —, em graus variáveis de abstração, constituídos em parte através do aprendizado formal e em parte pela evocação de situações vividas — entre outras fontes. Tais “programas” não são totalmente racionais; ao contrário, o normal é encontrá-los linguisticamente associados a emoções, valores, sentimentos e ressentimentos. A boa compreensão de tais elementos requer um balizamento hermenêutico consistente; recorrerei para tanto à teoria dos ídolos de Bacon, explicada na Introdução.

Os conhecimentos hoje disponíveis sobre os 75 anos da experiência soviética deitaram por terra a visão relativamente benévolas de certos círculos a respeito do marxismo, tido como uma doutrina “humanista” e em tese democrática, ao contrário do fascismo, inapelavelmente condenado como um mero culto do irracional e da violência. Tanto no plano ideológico quanto no da história real — como regimes, ideologias —, ambos foram e são hostis às bases filosóficas e às instituições da liberal-democracia. A interpretação preponderante hoje é a de que as diferenças entre ambos são muito menores do que os marxistas, em particular, se empenhavam em fazer crer. Em relação aos judeus, é certo que a malignidade nazifascista atingiu o limite do concebível, mas não cabem mais dúvidas quanto ao caráter totalitário dos experimentos hitlerista e soviético, sendo completamente descabido especu-

lar que um tenha sido mais democrático ou seja mais compatível com os valores da democracia do que o outro.

De fato, podemos afirmar sem temor a erro que democracia x totalitarismo foi a antinomia ideológica e política fundamental do século xx. O fascismo desapareceu praticamente como força política organizada no transcurso da Segunda Guerra Mundial, mas o marxismo — mais ou menos confinado ao âmbito europeu até essa guerra — expandiu-se a partir de 1945, foi reforçado pela Revolução Chinesa de 1949 e ganhou dimensão planetária no contexto da Guerra Fria.

O quadro acima esboçado nada tem de original: começou a ser exposto já ao fim da Segunda Guerra por filósofos, cientistas políticos e historiadores da mais alta estirpe, entre os quais Cassirer, Popper, Aron e Lilla, cujo trabalho foi desde então enriquecido por um grande número de estudos teóricos e por pesquisas específicas sobre regimes e autores específicos, indicados na Biблиografia Comentada.

O que me levou a retomar a temática precedentemente delinada foi a continuidade de certas ameaças à democracia no mundo contemporâneo — ameaças alimentadas em larga medida por ingredientes ideológicos, simbólicos e religiosos. O pano de fundo da inquirição é o desaparecimento do fascismo e o colapso da URSS e de seus satélites no Leste Europeu na virada do século xx para o xxi. Em retrospecto, é fácil perceber que esse segundo acontecimento deu ensejo a um otimismo exagerado e a diversos equívocos de avaliação, como os consubstanciados nas expressões “fim da história” e “universalização da democracia”. Tentando situar-me numa perspectiva mais sóbria, mantendo que a democracia permanece globalmente vulnerável a pelo menos três riscos: a corrosiva hostilidade de uma parcela dos cidadãos às instituições da democracia representativa; um “ideologismo” por vezes exaltado e virulento, embora não monolítico e de

alcance mundial como o foi no passado o marxismo-leninismo; e o terrorismo internacional, notadamente aquele patrocinado pelo fundamentalismo islâmico. O potencial disruptivo desses riscos varia naturalmente de um país para outro, mas não há como descartar a possibilidade de certa sinergia entre os três, mesmo em alguns países do Primeiro Mundo. Sobre sinergias, é importante lembrar que em certos países a corrupção agudizou a hostilidade às instituições democráticas e, em outros, movimentos guerrilheiros de esquerda se aliaram ao narcotráfico.

A organização do livro decorre diretamente da natureza dos temas tratados. Não sendo um estudo lógico-formal, a estrutura não pode ser dedutiva, cartesiana; mas tampouco se trata de estudar uma hipótese factual particular, a ser explorada a partir de um conjunto específico de dados, segundo os métodos da ciência social empírica. À falta de uma descrição melhor, ocorre-me compará-la aos *Quadros de uma exposição*, obra do compositor russo Mussorsgki: uma sequência de quadros bastante diferentes entre si, mas interligados por um insistente fio melódico — no caso, a contraposição liberalismo × antiliberalismo como um dos principais fundamentos do conhecimento político.